

AMÓS OZ

Como curar um fanático

*Israel e Palestina:
Entre o certo e o certo*

Tradução
Paulo Geiger

1ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2004 by Amós Oz
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

How to Cure a Fanatic: Israel and Palestine: Between Right and Right

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação

Manoela Sawitzki

Revisão

Angela das Neves

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Oz, Amós.

Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo / Amós Oz; tradução Paulo Geiger. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: How to Cure a Fanatic: Israel and Palestine:
Between Right and Right.

ISBN 978-85-359-2669-9

1. Conflito árabe-israelense 2. Fanatismo 3. Violência I. Título.

15-09897

CDD-303.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Conflito árabe-israelense: Sociologia

303.6

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Nota do editor	7
Em louvor às penínsulas.....	9
Entre o certo e o certo	33
Como curar um fanático	59
Pós-escrito aos Acordos de Genebra	85
Entrevista com Amós Oz.....	91

EM LOUVOR ÀS PENÍNSULAS

Esta é uma manhã de choque e de tristeza. Nossos corações voltam-se para as vítimas inocentes, suas famílias, Paris, a França, a humanidade.

Eis algumas linhas que escrevi imediatamente após o Onze de Setembro, e quero repeti-las e reiterá-las hoje: A única força no mundo capaz de conter e mesmo se sobrepor aos islamitas fanáticos são os muçulmanos moderados. Estamos todos esperando agora que os muçulmanos moderados ergam suas vozes, e mesmo passem a agir.

Senhoras e senhores, permitam-me começar com uma nota pessoal. Durante muitos anos tenho acordado às quatro horas da manhã. Uma caminhada antes do amanhecer põe muitas coisas em sua proporção correta. Por exemplo,

se nas notícias da noite de véspera um político usou palavras do tipo “para todo o sempre”, “por toda a eternidade”, ou “jamais, em 1 milhão de anos”, posso ouvir às quatro da manhã as pedras no deserto, ou as estrelas sobre o parque da cidade rindo silenciosamente da percepção que aquele político tem do tempo.

Volto para casa, ainda antes do nascer do sol, preparo uma xícara de café, sento à minha escrivaninha e começo a me fazer perguntas. Não pergunto a que ponto está chegando o mundo, ou qual será o caminho certo a seguir. Eu me pergunto: “E se eu fosse ele? E se eu fosse ela? O que sentiria, desejaria, temeria e esperaria? Do que teria vergonha, esperando que ninguém jamais soubesse?”.

Meu trabalho consiste em me pôr no lugar de outras pessoas. Ou mesmo estar em suas peles. A força que me impele é a curiosidade. Eu fui uma criança curiosa. Quase toda criança é curiosa. Mas pouca gente continua a ser curiosa em sua idade adulta e em sua velhice.

Agora, todos sabemos que a curiosidade é condição necessária, até mesmo a primeira das condições, para todo trabalho intelectual ou científico. Mas quero acrescentar que em minha opinião a curiosidade também é uma virtude moral. Uma pessoa interessada é uma pessoa um pouco melhor, um progenitor melhor, um parceiro, vizinho e colega melhor do que uma pessoa não curiosa. Um amante melhor também.

Permitam-me sugerir que a curiosidade, juntamente com o humor, são dois antídotos de primeira linha ao fanatismo. Fanáticos não têm senso de humor, e raramente são curiosos. Porque o humor corrói as bases do fanatismo, e a curiosidade agride o fanatismo ao trazer à baila o risco da aventura, questionando, e às vezes até descobrindo que suas próprias respostas estão erradas.

Isso me leva ao papel preponderante da literatura, em particular, e da arte, em geral. Seu maior mérito não é propor uma reforma social ou fazer uma crítica política. Como se sabe, o quintal da filosofia e da teologia está entulhado de esqueletos de romancistas e poetas que quiseram competir com filósofos e teólogos, com ideólogos, ou mesmo com profetas. Muito poucos entre eles tiveram êxito, mas isso não está em questão. Uma literatura ruim pode incluir mensagens morais muito importantes e positivas, e continuar a ser literatura ruim.

A característica que define a boa literatura, ou arte, é a capacidade de fazer se abrir um terceiro olho em nossa testa. Que nos faça ver coisas antigas e batidas de um modo totalmente novo. גם למראה נושן, יש רגע של הולדת. *Gam lemar'e noshan iesh rega shel huledet*, “Mesmo uma visão antiga tem um instante de nascimento”, como expressou o grande poeta israelense Nathan Alterman. A grande literatura tem se posto nos lugares e nas peles dos outros, estranhos, às vezes odiosos, seres humanos, dom Quixotes, os

Iagos, os Raskolnikovs deste mundo. A literatura ruim não vai fazer se abrir um terceiro olho. Vai simplesmente repetir o que já sabemos, e nos mostrar apenas o que já vimos.

O que a literatura ruim efetivamente faz é fixar o punhado de clichês morais e psicológicos que a fofoca nos inflige. Sim, a fofoca é prima da literatura de má qualidade, embora a literatura tenha vergonha desse parente e não o cumprimente quando se cruzam na rua.

A fofoca também é uma filha da curiosidade. Mas a fofoca ama os clichês, que adora reiterar nossos preconceitos e nos assegurar de que tudo e todos continuam a ser a mesma coisa. A boa literatura faz o oposto da fofoca: ela nos conta algo que não sabíamos, sobre nós mesmos e sobre os outros. Ou algo que não queríamos saber.

Porque, enquanto a fofoca se basta com a profundidade da pele, a literatura consegue às vezes realizar o milagre de cavoucar sob a pele. E enquanto a fofoca pretende nos agradar e lisonjear, a literatura tenta nos perturbar.

Assim, um boato dirá: “Oh, o homem está ficando velho!”. Um romancista medíocre escreverá: “A velhice é uma coisa tão triste!”. Mas Tchékhov pode escrever sobre um velho médico curvando-se para uma moça desmaiada, tomando seu pulso, erguendo-se e pronunciando estas três palavras devastadoras: “Eu esqueci tudo”.

Quando escrevo, não estou me dirigindo principalmente às emoções de meus leitores, embora esteja falando também para as emoções. Não estou me voltando em especial ao intelecto de meus leitores, embora esteja falando também para ele. Primeira e primordialmente estou me dirigindo à sua curiosidade. Eu lhes digo, como um bom guia de turismo diz a seu grupo, que percebam algo de novo numa cena que já lhes é familiar. Que imaginem como ela pareceria se estivéssemos bem alto na montanha que se ergue acima de nós ou lá embaixo, naquele porão onde uma mulher pendura suas roupas para secar.

O grande poeta israelense Yehuda Amichai escreveu:

Uma vez eu estava sentado nos degraus junto a um portão na Torre de Davi. Pus minhas duas pesadas cestas ao meu lado. Um grupo de turistas rodeava o seu guia, e eu me tornei um ponto de referência. “Estão vendo aquele homem com as cestas? Bem à direita de sua cabeça temos um arco do período romano. Bem à direita de sua cabeça.” “Mas ele está se movendo, ele está se movendo!”, eu disse a mim mesmo: só haverá redenção se o guia lhes disser: “Estão vendo aquele arco do período romano. Não é importante, mas junto a ele, à esquerda e um pouco mais para baixo, está sentado um homem que comprou frutas e legumes para sua família”.

Assim, por favor, não me peçam para falar esta manhã, como escritor, sobre a solução de dois Estados ou a solução de um só Estado. Tenho dedicado meu pensamento a esse tópico por quase meio século. Mas direi o seguinte: meu apoio a dois Estados separados, um para os israelenses, outro para os palestinos, não se origina da visão histórica, da astúcia dos políticos ou da expertise de um cientista político. Não tenho nenhuma dessas qualidades; tenho apenas curiosidade e imaginação. Desde a minha infância em Jerusalém, tenho me perguntado como seria ser um palestino, refugiado ou não. Como seria viver na pele de um palestino. Abrigar as memórias de um palestino. Sonhar os sonhos palestinos.

Enquanto faço essas perguntas, continuo a ser um judeu israelense. Isso não me tornou um palestino, ou me fez adotar a narrativa palestina, e me sujeitar a toda exigência palestina. Nem me fez oferecer a outra face. Mas me inspirou a buscar um acordo baseado em concessões mútuas, um acordo de compromissos.

Acordo de compromissos, percebam, está longe de ser uma capitulação. Não tem nada a ver com oferecer a outra face. É bastante estranho, mas compromisso também pode ser um filho da curiosidade. Porque imaginar outras vidas, outras salas de estar, outros amores e outros pesadelos pode nos fazer sair de nossa sala de estar e ir ao encontro da outra pessoa a meio caminho da ponte.

Sei que jovens idealistas (hoje em dia eles prefeririam o termo “ativistas”) frequentemente odeiam o acordo fundamentado em concessão mútua, em compromisso, o depreciam como sendo oportunismo covarde, imoral. Mas em meu dicionário, compromisso é sinônimo de vida. E o oposto desse compromisso não é integridade, ou idealismo, mas extremismo e morte.

A curiosidade também inspirou meu fascínio pelo mal. As ciências sociais tendem a atribuir a agressão ao sofrimento na infância, ou à crueldade da sociedade, ou ao colonialismo. Não existem atos malévolos, só crimes induzidos pelo trauma. Não existem pessoas más, só vítimas que se tornaram perpetradores.

Assim, sociólogos e psicólogos não reconhecem de todo a existência do mal. Mas eles estão errados: o mal existe. Teólogos, por outro lado, muitas vezes reivindicam o mal como parte de seu campo de especialização. Mas estão errados também: quase todo ser humano reflete sobre o mal, e estamos profundamente fascinados por ele, quer o aceitemos ou não. A literatura sempre soube como somos curiosos a respeito do mal. Desde Caim, Medeia, Iago, Mefistófeles, Raskolnikov e o Patriarca de García Márquez, todos eles nos intrigam, porque cada um de nós e todos nós carregamos um ou dois genes, ou um ou dois

germes, do mesmo tipo dos que se apossaram desses monstros literários.

Anos de observação do mal, em círculos históricos e em círculos de minha própria vizinhança e da minha própria intimidade, me levaram a pensar que a distinção entre o bem e o mal é a parte mais fácil do exercício moral. Quase todos nós conhecemos, mesmo que só instintivamente, o imperativo categórico de Kant. Quase todos nós distinguimos, por experiência, o que é a dor. Quando ferimos os outros, sabemos que os machucamos. Mesmo que finjamos não saber.

Todos nós comemos da *Árvore do Conhecimento*, cujo nome completo em hebraico é עץ הדעת טוב ורע, *Ets haDaat Tov veRá*, a *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal*. Se eu tivesse de destilar os Dez Mandamentos em um só, ou o imperativo categórico de Kant em duas palavras, eu diria: “Não ferirás”.

[Ou em três palavras: “Não infligirás dor”.]

Tenho mantido uma discussão amarga com um compatriota muito famoso e meu correligionário judeu, Jesus Cristo, que diz: “Perdoa-lhes: não sabem o que fazem”. Às vezes concordo com a primeira parte da sentença, a parte do perdão, mas rejeito energicamente a segunda parte, que implica que devemos ser todos, ou a maioria de nós, perdoados porque somos moralmente imbecis. Não somos. Sabemos o que significa a dor. Sabemos que é errado in-

fligir dor. Toda e cada vez que infligimos dor aos outros, sabemos o que estamos fazendo. Ah, sabemos, sim. Mesmo uma criancinha inocente que puxa o rabo do cachorro sabe que está causando dor. A dor é o grande denominador comum de todas as coisas comuns. A dor é uma experiência democrática, até mesmo uma experiência igualitária. A dor não distingue entre o mais rico e o mais pobre, entre o mais poderoso e o mais submisso. Sempre que infligimos dor aos outros, não o fazemos a partir da ignorância, mas porque, ao que parece, deve haver algum gene malévolo em quase todos nós.

No entanto, não se preocupem com minha discordância com Cristo: não há nada incomum em dois israelenses ter opiniões opostas.

Qual é, então, a parte difícil do exercício moral? É distinguir entre as gradações do mal. Pois no mundo há muitas gradações do mal. Roubo, pilhagem e exploração são coisas muito ruins. Estupro e assassinato são piores. A opressão de mulheres, de minorias e a colonização de povos são muitos ruins. Genocídio é pior. A destruição do meio ambiente é muito ruim. Limpeza étnica é pior. A comercialização e a vulgarização das relações humanas são muito ruins. A queima de heréticos na fogueira e a venda de jovens mulheres por um maço de cigarros são piores. A infantilização sistemática da humanidade pelo capitalismo de mercado é muito ruim. Bem como o entrelaçamento

entre política e entretenimento. Mas as cruzadas, a jihad, a Inquisição, os gulags e os campos de concentração são muito, muito piores.

Nos anos recentes, os intelectuais europeus têm sido preguiçosos demais para distinguir as gradações do mal. Eles põem todos os males deste mundo em um mesmo cesto: apartheid, poluição, genocídio, machismo, chauvinismo, espionagem eletrônica, a ocupação da Cisjordânia por Israel, o emudecimento da oposição na China, e os insultos do politicamente incorreto. Talvez esses intelectuais tenham perdido alguma básica curiosidade humana quanto à natureza do mal: eles precisam aprender sua intrincada cartografia, suas camadas geológicas.

E assim, enquanto Immanuel Kant estudava o zênite do bem absoluto, meu próprio trabalho cotidiano me leva ao reino do mal relativo. Pois aquele ou aquela que não souber distinguir entre as diferentes gradações do mal, poderá, involuntariamente, tornar-se um servidor do mal. Este é meu próprio imperativo moral: prestar atenção às diferenças entre o que é ruim, pior e o pior de tudo. E tentar não causar dor, ou ao menos tentar infligir o mínimo de dor possível.